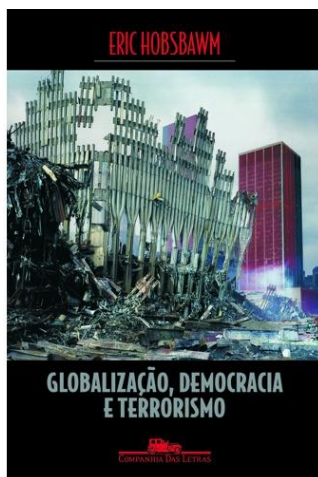




RESENHA DO LIVRO “GLOBALIZAÇÃO, DEMOCRACIA E TERRORISMO” DE ERIC HOBSBAWN



Livro: Desenvolvimento como liberdade

Autor: Eric Hobsbawm

Editora: Companhia das Letras, 2007.

Newton Camargo da Silva Cruz¹

A história da humanidade foi marcada por intensos embates, conflitos e guerras de diversas proporções. Mais recentemente entra no radar dos debates e das análises de conjuntura o terrorismo, ato que assola diversas nações há algum tempo, mas que ganhou amplas projeções após o fatídico 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América. Tais situações foram e, em certa medida, ainda são, motivadas por questões de naturezas distintas, como fatores de ordem econômica, tecnológica, política, cultural, religiosa, estrutural e social. Não desconexo disso, os processos democráticos ganharam papel relevante em diversos âmbitos da sociedade. Nunca antes em nossa história falou-se e defendeu-se tanto a prática da democracia como nas últimas décadas, sobretudo quando relacionada às questões

¹ Analista e Desenvolvedor de Sistemas (UniCesumar). Especialista em Administração Pública (UniCesumar). Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: newton.cruz@unila.edu.br



de cunho político, mas também não limitada a ela. Há que se destacar ainda que em nenhum outro momento desta mesma história marcada por conflitos de diversas e intensas magnitudes estivemos tão conectados e interligados, para não dizer sinérgicos. O fenômeno da Internet, dos computadores de alto desempenho e processamento, da democratização dos meios de comunicação, da globalização acelerada, dos avanços da medicina (e telemedicina) levaram a humanidade a outro patamar, onde tudo está presente em todo lugar, a todo tempo. Evidentemente, como já mencionado, tais assuntos supracitados não estão desconectados e para compreender esses conflitos, bem como suas causas e consequências, além das suas relações com os fenômenos tecnológicos e da globalização, faz-se necessária uma leitura aperfeiçoada e aprofundada, sob diversas óticas e perspectivas históricas, acerca de tais questões e temáticas.

Neste contexto, o historiador Eric Hobsbawm em seu livro *Globalização, Democracia e Terrorismo* nos apresenta, com excelência, riqueza de detalhes e com um referencial teórico sólido, uma parte considerável e pertinente dessas conexões e relações. Trata-se, na realidade, de uma coletânea composta de dez ensaios provenientes de conferências ministradas pelo autor em diversos lugares do mundo ao longo da sua expressiva carreira acadêmica. Com uma linguagem acessível, primorosa e didática, Hobsbawm expõe aos seus ouvintes e leitores uma série de fatos e relatos históricos que podem explicar uma série de acontecimentos político-econômico-sociais, além de episódios peculiares das conjunturas contemporâneas, na maior parte das vezes em uma perspectiva política, mas também não limitada a ela. O surgimento, declínio e morte dos impérios, as grandes guerras (e suas errôneas acepções e utilizações por determinados governos), o advento das inovações tecnológicas, os efeitos positivos e negativos da globalização nas mais diversas esferas mundiais, as hegemonias e influências ao longo da história da humanidade, o terror, a xenofobia, o racismo, a consolidação e as críticas construtivas da democracia nos países, são apenas alguns dos assuntos abordados nesta breve, porém relevante, coletânea de um dos intelectuais e historiadores mais notáveis das últimas décadas.

Na busca do entendimento e compreensão de questões do presente é necessário revisitar o passado, e isso sempre esteve claro para todos os estudiosos de quaisquer áreas do conhecimento. Hobsbawm nos leva, no primeiro capítulo de seu livro, diretamente para o século XX, período compreendido pelo autor como "o mais mortífero da história documentada" (HOBSBAWM, 2007, p. 21), composto de intensos conflitos entre Estados ou alianças de Estados e guerras mundiais, causando mortes mais de civis do que de militares, como veremos adiante. Sabiamente o autor afirma que não houve paz desde o início do século XX até agora, o que perfeitamente podemos observar, considerando a quantidade de conflitos e embates que perduram até os dias atuais em diversos pontos do mundo. Para facilitar o entendimento, o autor divide o século XX em três principais blocos do ponto de vista cronológico: (1) a era da guerra mundial (1914-1945) considerando em sua análise a primeira e segunda guerra, (2) a era da confrontação entre duas superpotências (1945-1989) e (3) a era posterior ao fim do sistema clássico de poder internacional. Com excelência, Hobsbawm realiza um apanhado histórico extremamente detalhado envolvendo os conflitos de cada um





dos períodos acima mencionados, citando, inclusive, exemplos de conflagrações latino-americanas ocorridas no México (1911) e na Colômbia (1948), demonstrando que confrontos não ocorreram apenas na Europa, mas na América Latina também, ainda que não tenhamos percebido militares cruzando nossos territórios (HOBBSAWM, 2007, p. 23). Contudo, o autor destaca em sua obra que o número de guerras internacionais decresceu a partir da década de 1960, dando lugar a conflitos internos. Chama atenção, conforme já brevemente mencionado, que as principais vítimas de tais conflitos e guerras da segunda guerra mundial em diante são civis e não militares e, segundo o autor, a tendência é que assim continue e, para além disso, enfatizam-se ainda os danos socioeconômicos aos civis provenientes de tais conflitos internos. O autor ainda critica severamente a errônea e, de certa maneira, oportunista, utilização do termo "guerra" nos mais diversos âmbitos políticos recentes. É comum ouvirmos expressões como "guerra contra a máfia", "guerra contra as drogas", "guerra contra a corrupção", sendo que tais exteriorizações são utilizadas como propósito para utilização das forças armadas. Encaminhando-se para o fim do primeiro ensaio, Hobsbawm destaca que a ampliação de desigualdades em âmbitos sociais e econômicos, podem reduzir de forma drástica as possibilidades de paz, além de que o equilíbrio entre guerra e paz no momento atual da humanidade "dependerá muito mais da estabilidade interna dos países e da capacidade de evitar os conflitos militares do que da construção de mecanismos mais eficazes para a negociação e a solução de controvérsias" (HOBBSAWM, 2007, p. 34) evidenciando que, mais do que qualquer outro período já vivenciado, os países deverão conter e resolver os seus próprios problemas, sem "terceirizá-los" ou externalizá-los, fundamentalmente quando se trata do enfrentamento das desigualdades sociais, uma das mazelas da sociedade.

No segundo ensaio, o autor realiza reflexões que nos levam a compreender a segunda metade do século XX em diante como uma nova fase histórica. Em sua concepção, tal fase se deve, essencialmente, às transformações tecnológicas, produtivas e das comunicações, modificando o tempo e a distância da forma como os concebemos. Hobsbawm enfatiza ainda o declínio do campesinato como um aspecto relevante para entendermos o futuro da nação, apresentando em sua análise dados minuciosos que demonstram o alto grau do êxodo rural ao longo das últimas décadas, concluindo que em pouco tempo a humanidade deixará "de ser uma espécie essencialmente rural" (HOBBSAWM, 2007, p. 38). Tal afirmação é pertinente e coerente, inclusive no contexto globalizado que nos encontramos no século XXI, com a tendência de procurarmos cada vez mais as cidades na busca de melhores condições de vida (sob as mais diversas óticas) e também em prol do atendimento de nossas necessidades capitalistas, ou ao menos influenciado por elas. Entretanto, essa nova fase histórica também perpassa por modificações estruturais e democráticas, como transformações na educação e na emancipação da mulher. A respeito deste último, uma ótima ilustração é o movimento feminista, que teve sua gênese no século XIX com intenso crescimento na metade do século XX em diante. Além disso, tais modificações também estão relacionadas ao *modus operandi* dos governos. Em uma parte considerável destes, buscou-se, a partir do século passado, demonstrar legitimidade e estreitar os vínculos com a nação, com o povo, com o eleitor. Anteriormente, aquilo que era definido unilateralmente, ou até mesmo de forma autoritária,





passou a ser definido de forma democrática e horizontal, mediante a utilização de mecanismos e instrumentos como plebiscitos e consultas públicas, por exemplo. Contudo, o autor considera que isso está longe da realidade democrática e demonstra que, diferentemente do que ocorria no passado, há redução, por parte da população, da aceitação de obrigações e legitimidade frente a um poder estatal. Claramente observamos essa particularidade não apenas em nosso próprio país, mas em diversas nações ao redor do mundo na última década, o que vai de encontro com uma das sentenças mais significativas da obra de Hobsbawm: a obediência dos cidadãos está sendo desgastada aceleradamente, talvez tão acelerada quanto a globalização. Neste contexto, o autor destaca o papel da globalização como produtora de desequilíbrios e assimetrias, citando um exemplo causado pela globalização econômica que modificou (e permanece modificando) o centro da gravidade econômica mundial. Um exemplo pertinente a esse fato apresentado pelo autor é a China, comentando dados do crescimento da sua produção industrial (30% em 2003) e comparando-a com outras potências mundiais. O autor retoma ainda o tema de guerra e paz, comentando que diversas pesquisas revelam medo por parte da população devido a tensões a respeito de uma possível nova guerra, com extensão mundial, assim como as consequências dela para a humanidade. Acerca de tais consequências, ganha destaque o tema dos refugiados, sendo este um dos problemas mais graves do século atual. Na realidade, a questão vai muito além de apenas mais um problema ou de simples "transferências compulsórias e maciças de populações" conforme descrito por Hobsbawm (2007, p. 45). Trata-se de uma das maiores (quicá a maior) crise humanitária já vista, com milhões de pessoas deixando suas casas fugindo de conflitos, perseguições, da miséria e da fome. Já encaminhando para o fim do segundo ensaio, o autor dá início ao tema a ser tratado no capítulo seguinte da obra: a hegemonia americana, que não se deu exclusivamente devido ao poder bélico, mas também, talvez sobretudo, à sua riqueza e seu papel na economia mundial, além de aspectos de cunho político, cultural e ideológico.

No terceiro capítulo, Hobsbawm aprofunda sua discussão a respeito das hegemonias e dos impérios. Destaca quatro desenvolvimentos que propiciaram ou objetivaram "reviver o império mundial como modelo para o século XXI" (HOBSBAWM, 2007, p. 55). Dentre tais desenvolvimentos encontram-se a aceleração da globalização, da década de 1960 em diante, que trouxe consigo consequências e tensões nos âmbitos culturais, econômicos e, evidentemente, tecnológicos, além das óbvias tensões políticas e do capitalismo de mercado livre, promotor de desigualdades a nível internacional, conforme muito bem apontado e discutido pelo autor. O colapso do equilíbrio internacional de poder com o fim do equilíbrio estável entre as superpotências mundiais também é um dos desenvolvimentos citados por Hobsbawm, além da crise dos Estados soberanos nacionais e das catástrofes humanas, responsáveis pelo genocídio e o medo global e generalizado, como exemplos, temos doenças, epidemias, expulsão de populações (o caso dos refugiados, como já comentado), entre outros. Ao tratar a ideia de império, Hobsbawm é enfático e vai direto ao ponto na contextualização e conceituação: vincula o império ao poder da ordem e da estabilidade necessária em um mundo imprevisível "desordenado e instável" (HOBSBAWM, 2007, p. 58). Resume, com primazia, as relações entre paz, império e guerras: os impérios formados justamente através de





guerras e violência, contraditoriamente as próprias guerras que os desmancharam e a paz como o estado que permite o império sobreviver, não sendo esta, portanto, de criação destes impérios. Nesse cenário, o autor procede com um levantamento histórico das semelhanças e diferenças entre os impérios britânico e americano, considerados como "impérios genuinamente globais" (HOBSBAWM, 2007, p. 61). Tratando-se das diferenças, o autor não apenas refere-se ao tamanho físico e extensão geográfica de seus territórios, suas fronteiras e efeitos culturais, mas também à constituição de suas populações. Interessante e pertinente o foco dado pelo autor ao mencionar a constituição populacional dos Estados Unidos da América que é essencialmente composta de imigrantes, diferentemente da Grã-Bretanha. Ao longo do ensaio, Hobsbawm comenta detalhes históricos minuciosos da formação dos impérios, suas colônias, características regionais e estruturais, entre outros.

No quarto ensaio da obra que, inclusive, é fruto de uma conferência proferida em uma universidade que concedeu o título de doutor *honoris causa* a Eric Hobsbawm, realiza-se, de forma breve, porém intensa, uma reflexão sobre o fim dos impérios, comentando sobre as desintegrações sofridas ao longo da história, ocorridas principalmente devido a guerras e revoluções (cabe destacar o fim do império da Alemanha pós segunda guerra mundial e alguns outros), que vieram acompanhadas de tensões políticas e até mesmo psicológicas, além de que, desde 1913, o número de países independentes quadruplicou com a ruína dos impérios. Hobsbawm salienta temas e argumentos relacionados à memória e pergunta, aos ouvintes e leitores, de que forma os impérios devem ser lembrados? A partir desta questão (que também pode ser considerada uma provocação), o autor disserta com riqueza de detalhes sobre as marcas deixadas por alguns dos impérios mais significativos da história da humanidade, os relacionamentos complexos destes com seus subordinados, enfatizando que a memória quase sempre é relacionada com a criação de um novo país. Por fim, sabiamente o autor não vê qualquer perspectiva de um mundo imperial no século XXI o que evidentemente nos leva a pensar em outras formas de gerir e organizar nossas nações. O ensaio termina com uma afirmação mais do que óbvia: "a era dos impérios está morta" (HOBSBAWM, 2007, p. 85).

No quinto ensaio da obra, Hobsbawm disserta sobre as nações e o nacionalismo e, para isso, inicia destacando alguns aspectos mais recentes da nossa história, como a instabilidade internacional que se instalou desde 1989 (e que até hoje perdura), a ampliação do número de Estados soberanos internacionalmente reconhecidos, o aumento na composição dos integrantes das nações unidas e o declínio do monopólio bélico e das forças armadas. A instabilidade discutida pelo autor é ilustrada por este ao citar o genocídio em Ruanda, em 1994, ocasião em que milhares de pessoas foram assassinadas, além das expulsões em massa ocorridas. Mais uma vez Hobsbawm retoma a questão dos refugiados, entretanto, nesse momento em específico, cita o aceleração da globalização como ponto chave que afeta as nações e o nacionalismo nessa perspectiva da mobilidade humana, sobretudo nas migrações internacionais em massa. Cita como exemplo os Estados Unidos, Canadá e Austrália que receberam 22 milhões de imigrantes entre as décadas de 1974 e 1998. Cabe destacar que, mesmo com a globalização e a formação de vários Estados pela imigração em massa, impera





a hostilidade a esses grupos que são vistos como uma ameaça à identidade cultural coletiva. Houve ainda considerável avanço da xenofobia em diversos âmbitos internacionais. O autor ilustra muito bem essa dimensão citando o futebol como exemplo. Interessante, para não dizer extremamente pertinente ao tema, a ênfase dada pelo autor na formação dos clubes de futebol, que são formados, na maioria das vezes, por atletas de nacionalidades diferentes do time em que atuam. A questão que nos interessa de perto é o aumento exponencial do racismo e da xenofobia nos últimos tempos nos campos de futebol por parte dos torcedores, e Hobsbawm caracteriza muito bem isso:

"Eles ficam divididos entre o orgulho que sentem pelos superclubes e pelas seleções nacionais (o que inclui seus jogadores estrangeiros ou negros) e a crescente importância que competidores provenientes de povos há tanto tempo considerados inferiores alcançaram nos seus cenários nacionais. Os periódicos surtos racistas que acometem os estádios de países sem história anterior de racismo - Espanha, Holanda - e a associação do "hooliganismo" com a extrema direita política são expressões dessas tensões" (HOBSBAWM, 2007, p. 95).

Não é raro presenciarmos agressões e hostilidades iguais as citadas pelo autor, não apenas em estádios de futebol, mas em outros esportes e também em outros âmbitos da sociedade, não limitada somente à brasileira. É incabível, em pleno século XXI, em um mundo miscigenado e com tanta informação que ocorram crimes e barbáries dessa natureza.

No sexto capítulo, temos discussões aprofundadas acerca de um dos temas mais pertinentes do século XXI: a democracia. Hobsbawm trata a democracia como um atributo louvável para os Estados que dela participam e/ou exercem, sendo estes superiores àqueles que não realizam práticas democráticas em suas esferas. Esta ainda seria uma espécie de "modelo-padrão" para o Estado, composta de garantias, direitos, liberdades e, principalmente, representatividade. O autor apenas enfatiza o que é evidente para todos que partilham do nosso tempo. Nunca antes na história da humanidade falou-se e cobrou-se tanto, seja de quem ou âmbito fosse, a democracia, as escolhas e processos democráticos, transparentes e representativos. Hobsbawm contextualiza historicamente o funcionamento democrático em diversos países do mundo, suas características e seus entraves, demonstrando que nem tudo são flores: cita uma questão em particular a respeito da Colômbia, que ainda que tivesse uma gestão democrática durante quase toda a sua história, o número de assassinatos, mutilações e expulsões de cidadãos já ultrapassou a casa dos milhões nas últimas cinco décadas. Evidentemente que Hobsbawm se justifica afirmando que isso não significa que regimes democráticos sejam piores que os anti-democráticos, o que nos leva a compreender que cada regime tem suas peculiaridades, assim como seus dilemas e distorções. O autor trata a democracia como uma das heranças do século XX, advinda do igualitarismo dos povos e do entendimento que diversas situações e concepções passariam a não funcionar adequadamente sem o apoio da população e suas mobilizações. É pertinente a divisão feita pelo autor acerca das políticas democráticas, que são baseadas em duas principais premissas: a teórica (ou moral) e a prática. A premissa teórica se concentra na presunção de que a maior parte da



Para além das questões supracitadas, o autor afirma que os assassinatos em massa em lugares públicos com ampla divulgação dos meios midiáticos, apoiando-se, evidentemente, nas tecnologias da informação e comunicação, têm mais valor do que qualquer outro ataque. Neste contexto, cabe fazer um paralelo com uma situação em particular que se apresenta em nosso tempo: a exposição midiática das barbáries cometidas pelo Estado Islâmico como estupros, assassinatos em massa de forma brutal, execuções, mutilações, entre outras atrocidades que, na maioria das vezes, eram (e ainda são) transmitidas pela Internet e compartilhadas em redes sociais, chocando e impactando o mundo com a crueldade imposta a diversas pessoas. Hobsbawm destaca o fenômeno da "guerra contra o terror" a partir do trágico e brutal 11 de setembro de 2001 que, a propósito, em nada diminuiu o poder internacional americano, conforme opinião do próprio autor. Que reflexos e reflexões podem ser percebidas a partir disso? Claramente, em concordância com o que expõe o autor, há uma crise de legitimidade, autoridade e hegemonia em todos os sistemas tradicionais da sociedade, sem contar que a violência (sendo ela política ou não) revela uma série de desequilíbrios sociais da sociedade, possivelmente devido às alterações internas e extremamente velozes vividas e registradas ao longo do tempo, conforme muito bem colocado pelo autor.

No penúltimo capítulo da obra, Hobsbawm, ao discutir questões que envolvem a ordem pública mundial, continua com suas ponderações acerca da violência que assola nossa sociedade. O autor busca levar aos seus leitores e ouvintes a compreensão de que esse aumento expressivo da violência é possibilitada, dentre tantos outros fatores que poderiam aqui ser descritos, pela "explosão da oferta e disponibilidade global de armas destrutivas poderosas que estão ao alcance de pessoas e grupos privados" (HOBBSAWM, 2007, p. 139). Estamos falando de um mercado altamente lucrativo, inclusive o autor cita o aumento exponencial (e assustador) de negócios bélicos no mundo. Destaca-se, nesse cenário, o significativo aumento no valor de ações da Taurus (grande fabricante de armas) que em 2019 dispararam após decretos brasileiros que ampliaram de forma expressiva os grupos que podem obter armas de fogo e munições. O que se pode esperar de uma nação fortemente armada e, principalmente, legalmente incentivada a adquirir armamento de fogo? Cada vez mais experimentaremos aumentos absurdos nos níveis de violência. Hobsbawm nunca esteve tão certo e coerente em sua análise.

Ao mesmo tempo, o autor conclui seu raciocínio afirmando que governos concordam que está mais difícil manter a ordem pública, destaca as tentativas de controle populacional mediante o emprego da força, produtos químicos, de atordoamento, dentre outros. Interessante o paralelo feito pelo autor quando este resgata Norbert Elias e seu livro *O processo civilizador*, citando que está acontecendo uma reversão de um processo daquilo que Elias considerou uma mudança no comportamento das pessoas a partir da Idade Média, se tornando mais atencioso, tranquilo, cordial e educado. Em nossos tempos, Hobsbawm destaca que não há mais a existência desses atributos. Mais uma vez: Hobsbawm nunca esteve tão certo. Há pouca propensão (talvez até vontade) em aceitar e cumprir leis, regras e convenções. Atualmente vemos xingamentos e agressões públicas à cidadãos e profissionais no exercício de suas atribuições. Não há tolerância, tampouco paciência, o ser humano não esconde seus





REVISTA ORBIS LATINA
ISSN: 2237 6976



página 181

detalhes e exemplos dados em cada um dos ensaios realizados pelo autor, sendo esta obra altamente recomendada para aqueles interessados nas temáticas abordadas.

REFERÊNCIAS

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, Democracia E Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p.

Recebido em 09/12/2020

Aceito em 02/02/2021



Volume 11, Número 01
Janeiro - Junho
2021



INDEXADORES E BASES BIBLIOGRÁFICAS:



Revista Orbis Latina - Disponível no website <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis>